

Renaissance Café



Júlio B.

Renaissance Café

(Júlio B.)

Alex saiu de casa apressado aquela manhã. Acordou tarde, não tomou banho, não fez a barba, não passou nenhum creme, nem perfume, e ainda assim perdeu o ônibus. Correu pelas calçadas salpicadas de gente, carregando os livros pesados que precisava devolver à biblioteca ainda naquele dia. A garoa fria de outono enchia de minúsculos pingos a lente de seus óculos de aro grosso e colocava a perder a escova feita na noite anterior.

Perdeu a primeira aula, e passou a segunda tentando domar a dor de cabeça sob o zumbido da voz estridente da mal humorada professora de Filosofia Greco-Romana. Mas a dor não era pelo barulho, e sim por não ter comido nada aquela manhã. Decidiu parar pra tomar um cafezinho no caminho pra biblioteca. Não podia demorar muito, pois a aula após o intervalo era importantíssima. Mas a biblioteca pública ficava perto, e aquela cafeteria tinha um bom atendimento. Sentou-se à primeira mesa livre que encontrou, e suspirou a correria do dia.

Com um sorriso preocupado com o relógio, fez o pedido quase mecanicamente. Sabia que não ia demorar, mas preferiu fazer a ressalva da pressa ao garçom. O tempo parecia nunca ser o bastante naqueles dias vorazes. Alex precisava achar sempre um modo aproveitar cada fatia de hora, por menor que fosse. Puxou da bolsa os fones de ouvido e um livro. Discretamente, como para disfarçar a impaciência, balançava o corpo e a cabeça ao som da música enquanto lia um romance existencialista. Ouvia uma banda indie canadense que um amigo lhe indicara semanas atrás. Era melancólico e animadinho ao mesmo tempo, por isso lhe agradava. Fazia lembrar pingos de chuva.

Distraído nas imagens que criava em sua cabeça a partir da absorção de estímulos literários, sonoros, olfativos, Alex se perdeu na contemplação da beleza vigorosa e juvenil do rapaz que almoçava na mesa em frente, acompanhado de um senhor que tinha idade pra ser seu pai. Era uma beleza difícil de não ser reparada: o belo clássico, apolíneo, equilibrado, vistoso, quase como uma escultura renascentista; muito diferente desse belo moderno que Alex costumava encontrar por aí nos cafés e bares da vida. A textura da pele, a vivacidade dos olhos ágeis, a lisura da face imberbe, tudo denunciava que era um garoto ainda, mas com porte físico e estatura de um adulto. Não carregava nas expressões do rosto a ingenuidade dos infantes, muito menos a maldade dos homens. O que se via nele era uma beleza harmônica, de natureza universal. Um semblante, acima de tudo, belo. Uma beleza que certamente merecia ser contemplada.

Para alguém como aquele garoto, Alex divagou, as coisas deviam ser bem mais fáceis. Não era o tipo que você imagina levando o fora de alguém numa balada. Pelo contrário, devia conquistar sempre seus objetivos através da ação catalisadora da sua áurea iluminada. Alex até suspirou nesse pensamento, pois isso tudo contrastava com sua extensa coletânea de desventuras passionais. Mas não conseguia se aprofundar em pensamentos sobre seu desastroso passado amoroso, nem sobre nada, exceto na beleza à sua frente. Ah, quando o garoto levava a comida à boca, a brancura dos dentes quase ofuscava o atento admirador! Uma brancura que contrastava com os lábios da mesma maneira que os ossos contrastam com a carne. Até o movimento dos maxilares ao mastigar era encantador. Alex reparou que o jovem rapaz manuseava os talheres como manda a mais fina etiqueta. E vestia-se esportivamente, de branco, como se tivesse acabado de sair de uma partida de tênis. Certamente, era rico. É, os ricos são bonitos, pensou.

- Ô sua bicha de merda, pára de olhar pro meu filho ou eu vou te arrebentar a cara!, disse o homem de pé à sua frente, o mesmo que há segundos atrás almoçava com o jovem, e que se levantara e viera ter com Alex, que nem percebera nada, tão absorto que estava na contemplação.

- Desculpa, o que o senhor disse?, engoliu em seco Alex, como se despertasse de uma hipnose.

- Não se faça de besta! Você estava olhando pro meu filho, não estava?

- Aquele garoto ali?

- É, seu viado de merda! Aquele ali!, impacientou-se o homem.

- Me desculpa, meu senhor, eu não percebi que estava incomodando.

- Incomodando? Incomodando!?, repetiu ele, aumentando o tom de voz. Não é questão de incomodar, seu viado! É questão de sem-vergonhice mesmo! Se você não tem respeito por si mesmo, que vá pro inferno sozinho, eu não tô nem aí pra escória que nem você. Mas envolver o filho dos outros nessa baixaria? Não, aí já é demais!

- Desculpa, eu não sei do que o senhor está falando.

- Ah, sabe! Não se faz de desentendido não, que eu te enfio a mão na cara aqui mesmo, disse o homem, ilustrando a fala com gestos.

- Calma, meu senhor.

- Você é viado, não é?

- Bem, não é o melhor momento pro senhor me perguntar isso, mas sim, sou.

- E você estava olhando pro meu filho?

- É, estava. Desculpa, eu...

- E tem a coragem de me dizer que não sabe do que eu estou falando?

- Desculpa, eu estava distraído. Não tive a intenção de ofender ninguém, mas se eu acabei ofendendo, peço mil desculpas, foi sem querer.

- Sei... sem querer!? Sua sorte é que você é uma bicha educada, se não já tinha tomado na cara há muito tempo.

- Desculpa, eu não sei mais o que dizer. Há alguma coisa que eu possa fazer pelo senhor pra resolver esse mal entendido?

- Pra mim, já deu. Mas você pode fazer algo pela sociedade, pelas pessoas de bem. Vê se cria vergonha nessa sua cara e pára de ficar se oferecendo pros filhos dos outros! Vai mexer com os da sua laia! O meu filho ainda é uma criança, não conhece essas maldades da vida, essas aberrações como você!

- Bem, eu só vim aqui tomar um café. Terminando, eu sigo o meu caminho, o senhor segue o seu, e ninguém incomoda mais ninguém. Desculpa mesmo pelo aborrecimento. Pode voltar pro seu almoço tranquilo que eu não vou mais olhar pro seu filho.

- Espero mesmo, porque se eu ver que você continua com essa libertinagem pública, eu volto aqui e acerto nossas contas.

- Tudo bem.

- O que está acontecendo aqui, pai?, perguntou o filho, vindo ter com os dois, com a cara de quem não estava entendendo nada.

- Não é nada não, filho, volta pra mesa.

- Nada? O restaurante todo está ouvindo os seus berros. Desculpa, moço, o meu pai é um pouco impulsivo às vezes, disse o garoto dirigindo-se a Alex.

- Tudo bem, já tínhamos resolvido o mal entendido entre nós, disse Alex, de cabeça baixa, rindo internamente de sua situação embaraçosa e também da restrição de não poder olhar pro garoto.

- Que mal entendido?, interessou-se o filho.

- Nada não. Conversa depois com o seu pai.

- Eu estou perguntando pra você.

- Filho, não se mete com esse tipo de gente.

- Como assim “esse tipo de gente”, pai? O que está havendo aqui?

- Desculpa, garoto. Acho melhor vocês voltarem pra mesa de vocês e terem uma conversa em família.

- Qual é a sua cara? Por que não olha pras pessoas quando fala com elas?, perguntou o filho, incomodado com a estranheza daquilo tudo.

- Desculpa, mas qual o seu nome?, perguntou Alex, levantando a cabeça e fitando dignamente os olhos do jovem rapaz.

- André.

- Pois bem, André. Eu acabei de prometer ao seu pai que não olharia mais pra você. Por eu ser gay, ele entendeu o meu olhar como uma ofensa, e esse foi o motivo do nosso desentendimento. Já está tudo resolvido, e eu gostaria de te pedir pra voltar com seu pai pra sua mesa agora e por um fim nessa humilhação toda.

- Pai, você fez isso?

- Veja bem, filho...

- Francamente, pai, você me decepciona mais a cada dia. Desculpa, moço. Qual o seu nome?

- Alex.

- Puxa vida, Alex, desculpa o que eu disse e desculpa o meu pai. Ele não tinha o direito de fazer algo assim.

- É isso mesmo!, intrometeu-se uma mulher que comia duas mesas à esquerda. Eu ouvi a discussão toda e posso dizer que isso é um absurdo nos dias de hoje! Eu sou advogada, Alex. É Alex, não é? Eu sou advogada, e posso te dizer que você ganharia uma nota abrindo um processo contra esse homem. Discriminar uma pessoa por sua orientação sexual é crime, o senhor sabia? Eu e várias pessoas aqui ouvimos claramente os termos degradantes com os quais você se referiu ao rapaz, além do conteúdo altamente preconceituoso da discussão. E, posso te dizer, o senhor vai se dar mal nessa.

- Quem a senhora pensa que é pra falar comigo dessa maneira?, indignou-se o pai.

- Sou uma cidadã que conhece os seus direitos e o dos outros. E o senhor quem pensa que é pra se achar acima da lei?

- Ei, pessoal, vamos com calma. Minha senhora, eu agradeço muito a sua boa vontade de sair em minha defesa, mas acho que não precisamos levar esse mal entendido adiante. Nós já nos acertamos. Agora, por favor, será que podemos voltar pras nossas vidas e esquecer isso tudo?

- Ora, rapaz, você não pode deixar um babaca prepotente desses sair ileso dessa história! Você pode conseguir uma boa indenização com um processo. No pior dos casos, ele pega uma pena de serviços comunitários. Não acha que seria bom pra ele abaixar um pouco a crista?

- Pois tente a senhora me processar e meus advogados acabam com você em um instante. Aliás, todos aqui ouviram quando você me chamou de babaca. Corrija-me se eu estiver errado, ou isso também não daria um processo por difamação?

- Pai!?, repreendeu o filho.

- Está me ameaçando? Acha que eu tenho medo de ameaça de figurões como você? Estou cansada de lidar com gente que se acha poderosa. Mas posso te dizer, a lei tem lá suas brechas, só que nesse caso o senhor não tem escapatória.

- Não tenho escapatória? Um cidadão de bem, trabalhador honesto, que paga seus impostos, teme a deus, seguidor da moral e os bons costumes, que zela pela honra da sua família, esse cidadão não tem escapatória perante a lei? É isso o que a digníssima senhora quer dizer?

- Por favor, será que..., tentou dizer em vão Alex.

- Então o senhor estava zelando pela honra da sua família? E eu que achei que tivesse chamado o rapaz aqui de bicha, de viado... O senhor é um pândego!

- Sabe por que tipinhos como você nunca vão se dar bem na vida, minha senhora?

- Pai, se você não parar com isso agora..., ameaçou André.

- E você fica calado! A gente acerta as nossas contas em casa!

- Meus senhores, vou pedir para que abaxem o tom de voz, pois estão incomodando os demais clientes, interveio o gerente do café.

- Veja bem, meu caro, a culpa é das circunstâncias. Eu estou sendo suntuosamente desrespeitado dentro do seu estabelecimento!, justificou-se o pai.

- Aposto que nem sabe o que significa "suntuosamente" esse hipócrita, comentou baixinho a advogada com a pessoa ao lado. Ele é quem desrespeitou os direitos desse rapaz aqui!

- Eu? Eu desrespeitei alguém? Eu vim almoçar com o meu filho e um homossexual descarado nos submete a tamanho vexame, e uma advogada de meia-tigela me chama de babaca e ainda sou eu quem está desrespeitando alguém...?

- Meus senhores, eu peço que parem de gritar, ou eu vou ter de chamar a segurança. Nesse estabelecimento, prezamos pela paz e pela ordem. Não podemos tolerar esse tipo de comportamento.

- Moço, desculpa a confusão toda. Foi um mal entendido entre mim e o senhor aqui, mas já nos acertamos. Gostaria, se possível, que me trouxessem a conta, ou que cancelassem o meu pedido, pois já estou de saída.

- Sinto muito, senhor, mas você não pode sair. Quando a gritaria começou, eu chamei a polícia. Eles me instruíram a não deixar ninguém se ausentar do recinto.

- A polícia!?, indignou-se o pai, pegando o celular e se afastando para ligar.

- Polícia?, o filho processou, dirigindo-se a Alex, como se pedisse desculpas com o olhar, sentido-se culpado, mas buscando cumplicidade para sua impotência diante da situação.

- Mas se o senhor quiser, ainda posso cancelar o seu pedido, ou trazer a sua conta.

- Bem, tanto faz. Só acho que isso tudo já foi longe demais. Será que não há outro meio de resolvermos essa questão?, perguntou Alex.

- Pois eu posso dizer que quando a polícia chegar aqui tudo será resolvido num minuto, com a prisão desse prepotente preconceituoso!, vibrou a advogada.

- Preso? Ouviram essa?, dirigiu-se o pai aos demais clientes. Pois saiba a senhora que estou falando neste exato instante com meus advogados e eles também estarão aqui em um minuto. E não se assuste se quem sair preso daqui for um certo pervertido sexual, por atentado violento ao pudor e corrupção de menores.

- Pai!?, repreendeu incrédulo o garoto, sem saber direito o que fazer. Com as mãos na cabeça e o olhar sem graça, aproximou-se de Alex e lhe disse baixinho: desculpa, cara, eu sinto muito por isso tudo. Quero que saiba que estou do seu lado nessa história.

- Obrigado. Obrigado mesmo, respondeu Alex, no mesmo tom de voz. Essa discussão toda é irrisória. É uma volta à selva; veja os leões brigando pelo domínio do território. Isso não me importa. No fundo, pouca coisa aqui importa. Mas o que você disse importa. Obrigado, suspirou Alex, recostando na cadeira, abrindo pela primeira vez um sorriso, tirando os fones do ouvido, fechando os livros, guardando tudo na bolsa, preparando-se para enfrentar o que viesse. É, nada mal para um café, ele sussurrou por fim.

- O senhor faz muito bem, muito bem!, juntou-se ao grupo uma senhora idosa que tomava café três mesas à direita, com uma cadelinha nos braços, de lacinhos cor-de-rosa nas orelhas combinando com a coleira. O mundo só está como está porque hoje em dia tudo é muito liberado, muito liberado. A devassidão invadiu as ruas, as praças, os bares, as escolas, até as nossas casas, gente, as nossas casas! Só mesmo com medidas enérgicas como a do senhor é que podemos retomar a ordem das coisas. Os verdadeiros valores! No meu tempo, não se via esse tipo de gente nos lugares de respeito. Ah, os bons tempos em que havia ordem, os bons tempos.

- Obrigado, senhora!, agradeceu o pai, muito satisfeito por não ser o único a compartilhar essa visão do mundo.

- E por que a senhora não volta pro seu tempo, sua múmia?, perguntou uma moça punk, do outro lado da cafeteria, de cabeça raspada e tatuagem em toda extensão visível dos braços.

- Olha o respeito com os mais velhos, sua aberração!, repreendeu um senhor de terno na mesa em frente à garota punk.

- É, respeito! É isso o que as pessoas perderam! O respeito por elas mesmas! O respeito ao corpo que deus deu a elas!, reforçou a velha da cadelinha dos lacinhos cor-de-rosa.

- Respeito... É, eu disse a mim mesmo que ia ficar calado, mas depois dessa, eu não vou conseguir, interveio um homem que estava sentando à esquerda da senhora idosa. Pois são exatamente pessoas com sua mentalidade, minha senhora, com o seu falso moralismo, o seu fascismo mascarado, as suas justificativas baratas para cometer atrocidades, são pessoas assim que trazem toda a violência ao mundo, que causam as guerras, que controlam o crime organizado, as redes de prostituição, que perpetuam o preconceito, que alimentam a intolerância.

- E quem é você?, perguntou o pai.

- Eu faço parte da Associação do Orgulho GLBT da cidade. Assisti a todo esse circo com muito desgosto, e prometi não me meter por se tratar de um caso perdido. De um lado, um troglodita capitalista, que perde a cabeça porque um homem olhou pro filhinho dele. Oh, que medieval! Olhar não é crime, meu amigo. E atentado violento ao pudor é só um outro modo de dizer estupro, e ninguém viu nada parecido aqui. Do outro lado, um covarde, totalmente passivo diante da questão, fugindo da luta por seus direitos. Ficou pedindo desculpas pra se safar da batalha, quando por conhecimento de nossas dores deveria defender a nossa bandeira nessa guerra. O cara te tratou como lixo por você ser gay, meu amigo, e você não fez nada? Você pediu desculpas?

- Eu tentei fazê-lo enxergar desse modo, ressaltou a advogada.

- Bem, desculpa, mas eu não discuto com pessoas que quando contrariadas podem me dar uma bofetada. Sabe, eu não tenho vocação pra mártir. Ademais, o que eu seria se tentasse mudar a cabeça dessas pessoas na tentativa de fazê-las entenderem as coisas como eu entendo? Eu não acabaria sendo uma versão um pouco mais liberal delas mesmas?

- Eu não disse que o mundo está mesmo perdido!? Perdido, perdido! Em tudo quanto é lugar agora você encontra esse tipo de gente. Parece um formigueiro de desvirtuados da graça do senhor. Até aqui, nessa

cafeteria que sempre foi um ambiente muito familiar, muito familiar, dizia a velha, quando foi interrompida pelos latidos da cadela. Laika, comporte-se! Laika!, tentou controlar em vão a cadelinha que parecia transtornada.

- Minha senhora, todos os presentes, quero que fique bem claro que a nossa cafeteria não discrimina nenhum freguês por sua sexualidade, raça, credo, nem nada. Só exigimos que tenham um comportamento civilizado enquanto no recinto.

- Quem aqui não está sendo civilizado?, indignou-se o pai.

A discussão acalorou-se. Virou um exaltado debate público. A cada argumento apresentado por um freguês, um outro se juntava ao grupo com um contra-argumento, ou com o seu apoio, ou indignação, ou com comentários avulsos. Opiniões eram atiradas pra todos os lados como os macacos atiram suas fezes no zoológico. O gerente do café já não sabia o que fazer. Os garçons pararam pra assistir ao inusitado barraco de gente chique, até mesmo porque não tinham a quem servir. Os cafés esfriavam, os refrigerantes perdiam o gás, as moscas aproveitavam a oportunidade pra almoçar. Era tanta gente falando ao mesmo tempo que não era possível entender mais nada, exceto os latidos da cadelinha dos lacinhos cor-de-rosa.

Alex manteve-se sentado, ensimesmado, apenas observando o quadro geral com um sorriso de "olha o que foi me acontecer!". Durante toda a quizila com o pai do garoto, ele manteve-se sereno, nem mesmo alterou seu tom de voz, mas naquele momento manter a calma já não bastava; ele optou por recorrer ao silêncio. Com um olhar amistoso, convidou André a se sentar na cadeira ao lado, com um gesto de ombros que quase dizia em palavras: "já que vamos ter de passar por isso, pelo menos vamos assistir sentados ao circo pegar fogo". O jovem e esperto rapaz captou tudo no ar. Tudo.

A vidraça que dava pra rua estava protegida pelo toldo dos pingos da rala chuva que caía, mas um tanto embaçada pelo frio que fazia. Através dela, o alvoroçado grupo que discutia de pé como um bando de investidores da bolsa viu a polícia enfim parando na porta. Mal a viatura terminou a torta baliza e o comboio de exaltados se dirigiu para fora da cafeteria, atropelando-se como animais famintos, sem qualquer indício da boa educação que reclamavam para si mesmos, passando por cima de tudo, da instrução de permanecer no recinto, do segurança e do gerente que tentavam detê-los na porta. Entre cotovelos e xingamentos, todos eles estavam cheios de suas próprias razões, suas fundamentações, seus discursos, suas desculpas, suas acusações, suas arrogâncias. Ninguém estava aberto a ouvir ninguém, mas cada um queria se fazer ouvir mais do que o outro.

Um dos advogados do pai de André que estava por perto chegou bem na hora. Estacionou o carro em fila dupla, parando o trânsito. A histeria tomou proporções incontroláveis, parecia um linchamento. Já não sabiam nem mais do que se tratava. Era uma comoção irracional, a condição humana foi anulada. Juntaram-se todos aos latidos frenéticos da cadela de lacinhos cor-de-rosa como cães de briga se batendo pelo domínio moral do canil. E nem os policiais, nem os envolvidos, nem a chuva, nem as buzinas, ninguém sabia mais o que fazer em meio ao pânico, em meio ao desespero de salvar a sua pele, quando, como por um milagre, todo o alvoroço se transformou no mais pacífico silêncio sob a garoa de outono. As luzes vermelhas e azuis do carro da polícia refletiam na vidraça da cafeteria como um globo de discoteca e iluminavam as caras incrédulas e atônitas que, sem ação nem palavras, viam através do vidro embaçado Alex e André se beijando calorosamente dentro do aconchego da cafeteria, envoltos por aquele cheirinho bom de café feito na hora, que Alex gostava de tomar ainda quente, pra fumaça embaçar os óculos, e poder então ver o dia todo nublado.